



**Relatório do trabalho efetuado pelo cartel de leitura do Seminário X, A Angústia,
de Jacques Lacan (2012-2013)**

Filipe Pereirinha¹

Tem-se falado muito de crise por estes dias. Sobretudo nos países do sul da Europa. Tudo parece angustiar as pessoas. Neste contexto de angústias várias e, nomeadamente, dos seus efeitos subjetivos, a leitura do *Seminário X, A Angústia*, de Jacques Lacan parecia cair como sopa no mel. Foi, assim, constituído um cartel para esse efeito, mesmo se aquilo que nos mobilizou, semana após semana, não teve propriamente a ver com a crise – enquanto causa ou significante do nosso trabalho – mas com o desejo de continuar a ler Lacan ao pé da letra, como temos vindo a fazer nos últimos anos através dos mais diversos grupos de trabalho (carteis). De um certo ponto de vista, poder-se-ia dizer de Lacan, falando não apenas do seu Seminário, mas também da sua vida, da vida de Lacan, que estes foram uma crise permanente, que Lacan esteve quase sempre em crise e soube fazer desta, em cada momento, ato. Os seus Seminários – e este não constitui exceção – dão disso conta.

Importa dizer, antes de mais, que não se lê um seminário de Lacan como um romance, da mesma forma que um trabalho de cartel não mantém sempre um ritmo uniforme, variando entre a continuidade e a rotura, momentos que parecem improdutivos, de simples rotina, e outros plenos de entusiasmo e regozijo pelo que conseguimos ler naquilo que, por vezes, se afigura como ilegível. É o próprio Lacan a dizer, sobre o seu estilo, que ele *gongoriza*². Quem conhece este poeta do século de ouro espanhol pode fazer uma ideia do que está em causa. Daí que não se trate propriamente de fazer um relató-

¹ Antena do Campo Freudiano.

² LACAN, Jacques, *Le Séminaire*, Livre X, *L'angoisse*, Paris: Éditions du Seuil, p. 53.



rio, no sentido usual do termo – de relatar meramente o que aconteceu ou não aconteceu – mas de sublinhar, destacar, fazer sobressair, da leitura efetuada, o que conseguiu impor-se como crucial ou decisivo para nós ao longo da leitura que fizemos deste Seminário.

Poderíamos – como acontece por vezes num filme ou num romance – começar pelo fim, dizendo que este Seminário de Lacan gira essencialmente em torno do objeto pequeno *a* (ou *a* minúsculo). É o que permite a Jacques-Alain Miller dizer, na conferência de encerramento das jornadas PIPOL VI³, resumindo, que o Seminário X desenrola a lista completa dos objetos *a*, acrescentando o olhar e a voz aos objetos freudianos: o seio, as fezes, o falo. Esta lista é desenrolada por Lacan essencialmente na última parte do Seminário, intitulada por Jacques-Alain Miller, o responsável pelo estabelecimento do texto, «As cinco formas do objeto pequeno *a*»⁴.

Dito isto, porém, como situar o estranho objeto aqui em causa? Para acercar-se corretamente dele, Lacan irá efetuar uma «revisão do estatuto do objeto», segundo o nome dado por Jacques-Alain Miller à segunda parte do Seminário. O objeto de que aqui se trata está muito longe de ser um objeto comum, mas também, por exemplo, de ser um objeto correlato do sujeito, tal como a tradição idealista (fenomenológica, epistemológica...) o concebeu. Lacan não deixará de visitar, de dialogar com essa tradição, mas sobretudo com a finalidade de separa-se dela, de mostrar a essencial irreduzibilidade do objeto *a*, ou seja, o objeto propriamente psicanalítico, relativamente a toda a elucubração filosófica anterior.

Quando Lacan afirma que a angústia não é sem objeto, que é falso dizer que a angústia é sem objeto⁵, por exemplo, é desse objeto «revisado» que se trata. Neste particular, ele subverte o entendimento tradicional que opõe a angústia ao medo, dizendo que este teria um objeto (seria medo disto ou daquilo, de um objeto concreto, bem ilustrada pela fobia

³Cf. MILLER, Jacques-ALAIN, « Une réflexion sur l'Œdipe et son au-delà » (Lacan Quotidien).

⁴ Cf. Ibidem, pp. 245-390.

⁵ Ibidem, p. 91.



de cavalos do pequeno Joãozinho) enquanto a angústia seria sem objeto. Muitos laboraram nesta ideia, neste erro. Para o Lacan do Seminário X, pelo contrário, a angústia não é sem objeto. Resta, então, saber de que objeto se trata. Daí não apenas a revisão do seu estatuto, mas também a progressiva explanação da série em que ele se encarna.

A revisão do estatuto do objeto é, na realidade, apenas uma das revisões, melhor seria dizer, das reversões que este Seminário efetua. É uma das linhas de força que se impõem, que ressaltam no texto à medida que se lê. Este Seminário subverte um conjunto de lugares-comuns, de ideias-feitas sobre o tema da angústia, mesmo que esses lugares comuns sejam fruto de uma séria e apurada reflexão.

Veja-se o caso de Kierkegaard, por exemplo, que dedicou um livro – um livro a que Lacan não deixou de prestar a devida atenção, até mesmo de elogiar – ao tema da angústia. Porém, o seu ângulo de enfoque, como está bem patente no título, é desde logo conceptual. Ao “conceito de angústia”, Lacan vai opor o afeto. A angústia é um afeto⁶. Para aqueles que acusavam – e continuam hoje a acusar - Lacan de ser um intelectualista e de ter negligenciado o afeto, eis aqui uma resposta. Ele próprio não deixará de o relembrar, mais tarde, no texto *Televisão*.⁷

Também a relação da angústia com a falta é subvertida. Se na aparência aquilo que provoca a angústia é a falta (de dinheiro, de um bom seio plenamente satisfatório, de uma mãe suficientemente boa, etc.), Lacan mostra que, pelo contrário, aquilo que angustia verdadeiramente o sujeito não é que o objeto falte, mas, precisamente, que ele não falte. Se há uma falta que angustia é, como diz Lacan, a falta da falta. É quando acontece a falta faltar que sobrevém a angústia. Daí que a cura para a angústia, ou o modo produtivo – e não paralisante – de lidar com ela seja o desejo. O desejo como um remédio para a angústia.

⁶ Cf. *Ibidem*, p. 23.

⁷ Cf. LACAN, «Télévision», *Autres Écrits*, Paris: Éditions du Seuil, 2001, pp. 521-528



Mas desenganemo-nos. Há algo que engana, que pode com efeito enganar os mais desatentos. Mas também neste aspeto Lacan subverte a ideia-feita, o lugar-comum, em particular daqueles que aprenderam na escola do seu primeiro ensino: aquele que decorreu nos anos 50, que parecia ter como pano de fundo a ontologia da falta (onde Lacan concebia o próprio sujeito como «falta-em-ser», *manque-à-être*), como relembrará Jacques-Alain Miller no Seminário *L'être et L'Un*⁸. Este é, por isso, um seminário-charneira: algo aqui funciona como dobradiça entre o desejo (cujo primado foi uma constante até então) e o gozo (que apontará cada vez mais para uma dimensão irreduzível simultaneamente ao desejo e ao significante – na medida em que é nos interditos deste que aquele se diz). Assim, não devemos situar a angústia simplesmente do lado do desejo – mesmo se este pode constituir em muitos casos o seu remédio – mas, como diz o título que dá nome à terceira parte, «entre gozo e desejo». Um gozo que é substância real (do lado da Coisa), da mesma forma que o significante era a textura do desejo.

Se Freud conclui a sua obra maior sobre a angústia – *Inibição, sintoma e angústia* – afirmando que esta é essencialmente um sinal, Lacan mostra no *Seminário X* que esse sinal aponta para o real. A angústia é um sinal do real; um real cujo primado se vai afirmando cada vez mais nos anos posteriores do ensino de Lacan e com que nós, hoje, no século XXI, temos de haver-nos, sem poder contar, como parecia acontecer outrora, com a garantia de um «Outro do Outro», isto é, com o «Nome-do-pai», segundo o tema já antecipado por Lacan no *Seminário VI*.⁹

Mesmo se não há Outro do Outro, ou sobretudo porque não há Outro do Outro, há um; há cada um na sua diferença ou alteridade absoluta, como dirá Lacan no ano seguinte, no *Seminário XI*. A cada um, portanto, a responsabilidade e a coragem de dizer como se pode, hoje, não abrir mão desse real, mesmo que todos os ventos lhe pareçam desfavoráveis.

⁸ MILLER, Jacques-Alain, *L'être et L'un* (2011, inédito). Notas do curso disponíveis em: <http://disparates.org/lun/letre-et-lun/>.

⁹ Cf. LACAN, J., *Le Séminaire*, Livre VI, *Le désir et son interprétation*. Paris. Éditions de la Martinière, Le Champ freudien, 3013, p. 353.